

Em 4 de fevereiro de 1961, cadeias  
e esquadras foram atacadas em Luanda.  
Era o começo da guerra colonial. O Expresso  
falou com os protagonistas da História

TEXTO DE PAULO GAIÃO

pgaiao@expresso.impresa.pt

**E**stamos em Luanda, ao alvorecer do dia 4 de fevereiro de 1961. Duas centenas de revoltosos africanos atacam a 4ª Esquadra da PSP, a Casa de Reclusão Militar e a Cadeia de São Paulo, com o objetivo de libertarem presos políticos. Os insurrectos estão armados apenas com catanas e armas de fogo rudimentares, mas atacam em força. O guarda Cândido Sales, atingido por sucessivos golpes esvai-se em sangue e chega a ser dado como morto. O seu colega Manuel Borrego Maioral salva o chefe Neves de ser trucidado. Sertório Catarino não morreu porque tinha trocado a escala com o seu amigo Manuel Brás Ferreira, um dos seis polícias mortos nos confrontos. Foram os primeiros a tombar na guerra. Ainda que na altura isso não fosse perceptível, começava aqui o fim do império colonial português.

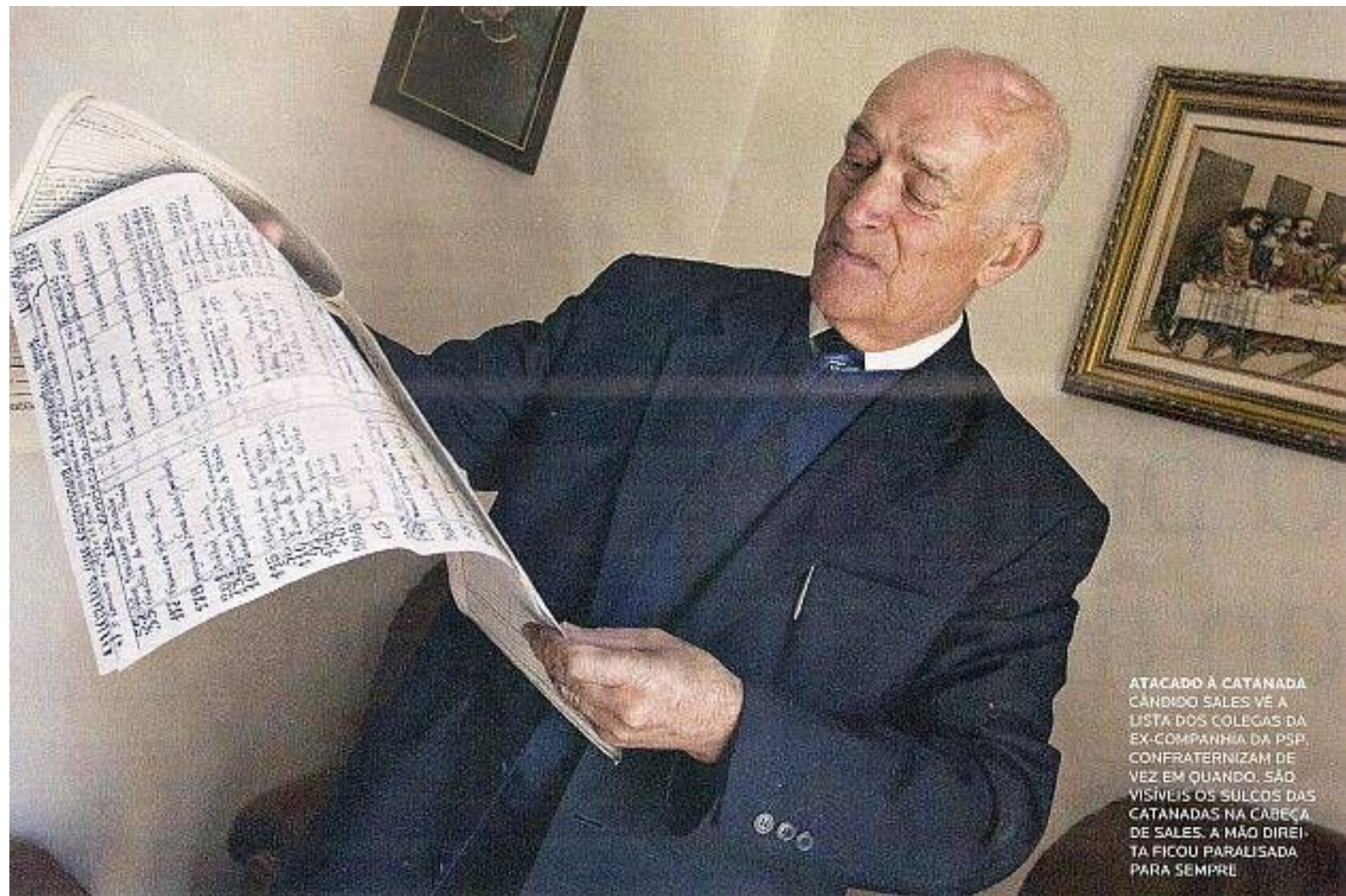
Todos os antigos guardas que pertenceram à 1ª Companhia Móvel da PSP que estava em Luanda no dia 4 de fevereiro de 1961, hoje reformados, com idades entre os 70 e os 75 anos, lembram-se do Sales. É a recordação viva da tragédia de Luanda. Cândido Barbosa dos Reis Sales, 73 anos, natural de Santiago de Subarrifana, em Penafiel, é hoje o único sobrevivente do ataque do 4 de fevereiro.

Às duas e meia da madrugada de 4 de fevereiro, foi atacado à catanada quando fazia sentinela ao edifício onde funcionava a Emissora Oficial de Angola e os CTT, junto à fábrica da cerveja Cuca, num local isolado. Fica com a cabeça desfeita. Os colegas entregam-no no Hospital Maria Pia como morto, juntamente com os outros corpos dos polícias. A consternação é total. No hospital, só o pessoal médico lhe descobre ténues sinais de vida. Sales mantém-se dois meses em coma. “Foi um milagre ter sobrevivido”, diz o guarda Ivo Varandas, também pertencente à companhia móvel que estava em Luanda.

Sertório Catarino, 73 anos, também guarda da PSP em Angola, recorda que a companhia inteira “tinha a recuperação do Sales sempre em mente”. Enquanto houvesse esperança era a memória viva dos camaradas abatidos. Só despertou quando um dia o comissário da companhia, Aníbal de Deus Lopes, lhe disse que apenas continuava a ler-lhe a carta que tinha chegado para ele, cheia de linhas amáveis, se lhe dissesse quem a tinha escrito. Ao fim de uns instantes, disse devagar as primeiras palavras: “Maria Fernanda.” A carta era da namorada, também natural de Subarrifana. Tinha ouvido na Emissora Nacional, já na noite de 4 de fevereiro, a notícia de que tinham morrido polícias da PSP em Luanda. Ficou aflita. Na manhã seguinte, vários guardas da GNR vão a casa dos pais de Sales dar a notícia. A aldeia fica em alvoroço.

“Não vi quantos eram porque me apareceram por trás das árvores”, diz Sales ao Expresso em Subarrifana, ao lado de Maria Fernanda, 71 anos. “Quando fui atingido perdi a consciência. Não me lembro de nada até hoje.” Os camaradas disseram-lhe que descarregou todas as balas do seu revólver, encontrado vazio, contra os revoltosos. Foi o último ato que praticou com a mão direita. Em resultado das catanadas, que lhe deixaram vários sulcos na cabeça, ficou com os membros direitos paralisados. Recuperou a mobilidade da perna com o tempo, mas a mão ficou perdida. Aprendeu a fazer tudo com a mão esquerda. De resto, manteve intactas todas as funções.

Os 208 homens da 1ª Companhia Móvel, a primeira criada em Portugal para vários teatros de operações, fizeram a recruta em abril de 1960, na Carregueira, mas só souberam dias antes que iam para Luanda. Partiram a 27, 28 e 29 de junho desse ano, 70 de cada vez, nos Super Constellation da TAP. A decisão, tomada pelo ministro do Ultramar, almirante Vasco Lopes Alves, e pelo comandante da PSP, Fernando de Oliveira, foi precipita-



ATACADO À CATANADA  
CÂNDIDO SALES VE A  
LISTA DOS COLEGAS DA  
EX-COMPANHIA DA PSP.  
CONFRATERNIZAM DE  
VEZ EM QUANDO. SÃO  
VISÍVEIS OS SULCOS DAS  
CATANADAS NA CABEÇA  
DE SALES. A MÃO DIREI-  
TA FICOU PARALISADA  
PARA SEMPRE

da pela independência do Congo, a 30 de junho. O Governo português estava ciente de que o novo país ia ser um foco de instabilidade para Angola. Não se enganou.

Os guardas da PSP é que não estavam informados dos riscos que corriam em Luanda. É verdade que só iam os que quisessem. Mas ainda não havia guerra e as condições salariais eram muito melhores do que na metrópole. Foram todos, os 208. Em Luanda, ganharam um companheiro, o '209', um cão que adotaram. Nas horas vagas passeavam e iam aos cinemas Miramar e Restauração. Mas Luanda já não era o paraíso sereno dos anos 50. A cidade torna-se muito agitada a partir de janeiro de 1960, quando a revolta negra da Baixa do Cassange, contra o trabalho forçado e a cultura obrigatória do algodão, engrossou o número de presos em Luanda. Juntam-se aos detidos do chamado "processo dos 50", do futuro MPLA, envolvendo Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade, acusados de atividades subversivas.

Um dia esperado. Adriano Moreira, na altura subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, diz ao Expresso que para ele "o 4 de fevereiro não foi surpresa nenhuma". Entre 1959 e 1961 aderiram à ONU 24 novos países africanos. "Fui dizendo que 1961 era a data provável da ação armada, porque era a data em que o ritmo de admissões de novos Estados na ONU faria perder a barreira do terço", escreve no seu livro "Espuma do Tempo". As decisões contra a política colonial portuguesa precisavam de ser aprovadas por dois terços na ONU, o que veio a acontecer pela primeira vez com a Resolução 1603, de 20 de abril de 1960, dando legitimidade jurídica à luta de libertação dos africanos. "Esta simples conta de somar seria uma das razões invocadas pelo doutor Salazar quando me chamou, querendo ser esclarecido sobre a perspicácia", acrescenta Adriano Moreira.

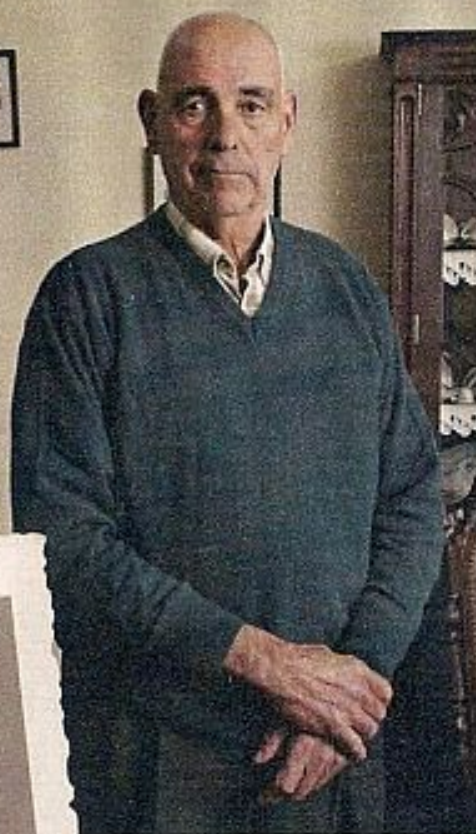
**Foguetes no Miramar.** "Este ano vai haver dois Carnavais." Esta era a frase que corria em Luanda, em janeiro de 1961, no círculo dos cerca de 200 revoltosos negros que iam participar no 4 de fevereiro. O Carnaval verdadeiro era o da época, celebrado a 14 de fevereiro. O outro era o da ação do 4 de fevereiro. Que é antecipada pelos insurrectos por duas razões. Temem que os presos sejam transferidos de Luanda para o Campo do Tarrafal, em Cabo Verde. Querem aproveitar a presença de dezenas de jornalistas em Luanda para terem protagonismo internacional. Corria a informação de que o pacote "Santa Maria", desviado pelo capitão Henrique Galvão, ia aportar a Luanda a 4 de fevereiro (por coincidência o dia do seu aniversário) e a comunicação social está em peso na cidade.

Os insurrectos eram jovens de Luanda e arredores. E não estrangeiros, como disse o Governo português e a imprensa, sujeita a censura prévia, que noticiou na altura. Com o objetivo de mostrar que as fontes de instabilidade em Angola eram externas. O historiador Carlos Pacheco refere na obra "Angola, Um gigante com Pés de Barro" que os revoltosos eram "carpinteiros, pedreiros, marceneiros, serventes, sapateiros, pescadores, alfaiates e pintores da construção civil". Cada grupo tinha o seu alvo e o seu chefe. Já Dalila e Álvaro Mateus referem os nomes de Bento António, no ataque à Casa de Reclusão, Adão Neves Bendinha, nas Cadeias de São Paulo, e Domingos Manuel Agostinho, na 4ª esquadra. Eram os operacionais. O líder ideológico do 4 de fevereiro é o cónego Manuel das Neves. Mais tarde preso pela PIDE (ver caixa).

Concentram-se nos musseques Rangel, perto dos Emissores Oficiais, e Casa Branca, ao pé da Casa da Reclusão. Daí partem para os alvos. Usam foguetes como senhas para começar os ataques. Sertório Catarino lembra-se de que, segundos antes do ataque à Casa da Reclusão, viu um clarão e comentou com um colega: "Olha, há festa para os lados do cinema Miramar."

Os revoltosos só têm catanas e um ou outro canhangulo (arma artesanal com pólvora e pregos no interior de um tubo galvanizado). Todos os guardas da PSP o confirmam ao Expresso. As armas prometidas por Holden Roberto nunca chegaram. Franco Nogueira, na sua biografia de Salazar, escreve que os assaltantes eram "portadores de pistolas e metralhadoras ligeiras". O "Diário de Notícias" de 5 de fevereiro de 1961 refere "pistolas-metralhadoras de fabrico moderno, de origem checoslovaca". A verdade é que se os negros tivessem estas armas, o número de vítimas portuguesas teria sido, seguramente, superior.

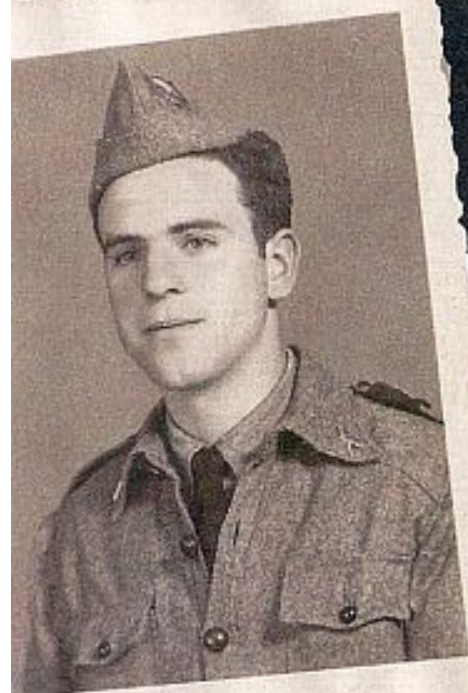
**Troca de escala fatal.** Cândido Sales não é o único guarda da PSP a quem o destino trocou as voltas. Na manhã de sexta-feira, 3 de fevereiro de 1961, o guarda Manuel Brás Ferreira, 25 anos, natural da Aldeia da Mata, perto de Portalegre, pede ao amigo Sertório Catarino para trocar a escala de serviço na próxima madrugada. Em vez de fazer sentinela à Casa de Reclusão Militar, na zona do porto, fazia a do amigo na 7ª Esquadra da PSP, perto da estrada de Catete. "Estávamos a fazer a barba, quando ele me pede aquilo. Disse logo que sim", refere Sertório Catarino ao Expresso, na sua casa na Comenda, também perto de Portalegre



Sábado é o dia de folga de Manuel e tem explicações perto da esquadra. Daí o pedido de troca. Fez a 4ª classe, mas continua a estudar. É um jovem interessado, que lê muito. Da Índia, onde foi soldado até 1959, trouxe um estandarte com a figura de São Francisco Xavier, o missionário cristão do padroado português (cujos ossos, o ministro do Ultramar, Adriano Moreira, deu ordem para que viessem para Portugal em 1961). A irmã de Manuel, Rosa Brás Teixeira, 77 anos, recorda ao Expresso: “Quando chegou disse à minha mãe que a meio da viagem da Índia fez uma paragem numa cidade que o encantou.” Era Luanda.

Às duas e meia da madrugada, um grupo de três negros aproxima-se da porta da esquadra. Diz a Manuel que quer apresentar uma queixa. Quando o guarda se vira para dentro é morto com várias catanadas no pescoço. Mais negros correm para a esquadra. Ferem com gravidade o subchefe Manuel das Neves, 46 anos, e penetram no átrio da esquadra. Sertório Catarino emociona-se quando fala do amigo. “Foi o destino. Se não fosse a mudança que ele me pediu, era eu que tinha morrido.”

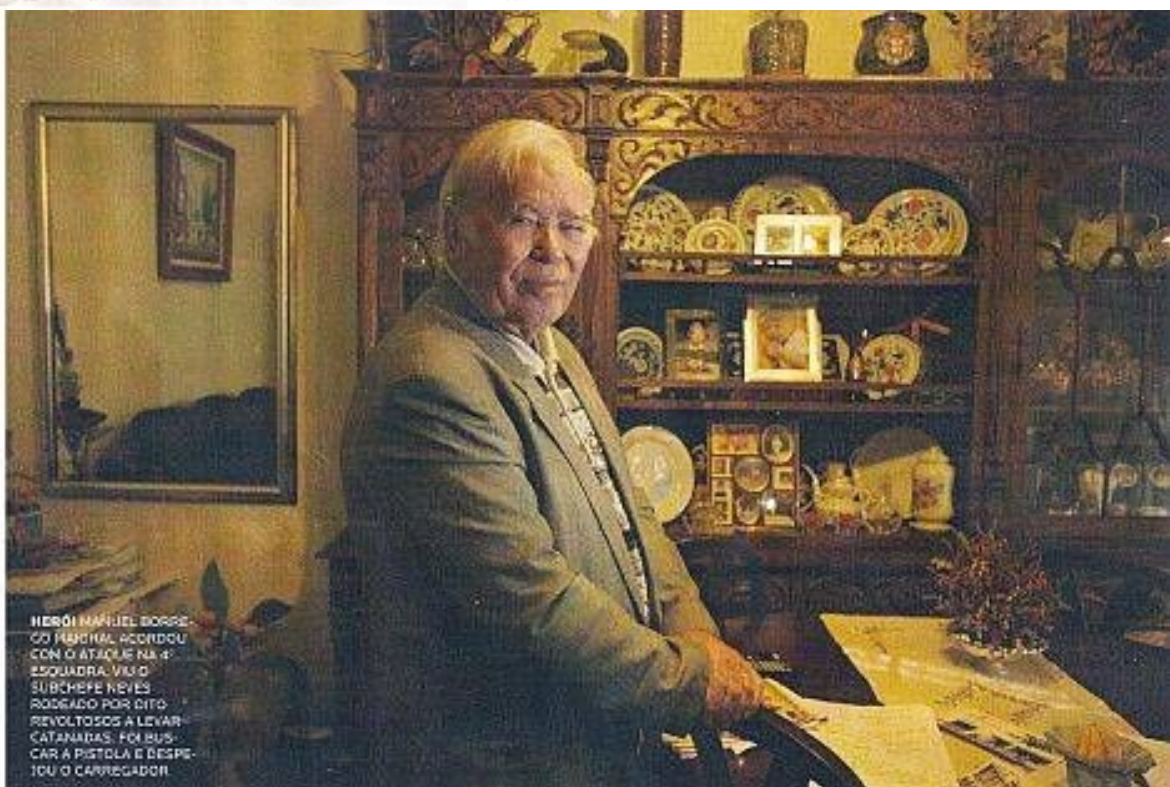
**TROCA FATAL** SERTÓRIO CATARINO (EM CIMA) SALVOU-SE PORQUE O AMIGO MANUEL BRÁS FERREIRA (AO LADO) LHE PEDIU PARA MUDAR A ESCALA DE SERVIÇO. ÀS 2H30, MANUEL, DE SENTINELA À 4ª ESQUADRA, FOI MORTO À CATANADA POR UM GRUPO DE NEGROS QUE DIZIA QUERER APRESENTAR UMA QUEIXA



“E eu sou o chefe Neves.” O guarda Manuel Borrego Mairoral, então com 26 anos, está a dormir na camarata da 4ª Esquadra. Acorda com a confusão. “Quando olho para o átrio vejo o subchefe Neves a poucos metros de distância, a levar catanadas de oito ou nove negros. Vai buscar a pistola. Dispara contra os revoltosos e salva o seu superior de morte certa.

“Gritavam mata o branco, mata o branco, isto é Angola, isto é Angola”, e acrescenta “O subchefe Neves tentava libertar-se deles e gritava: ‘E eu sou o chefe Neves, e eu sou o chefe Neves.’” Sete revoltosos ficam caídos no chão. Mairoral, que apenas ficou ferido num braço, diz que “teria sido uma tragédia se eles tivessem conseguido entrar nas camaratas, apanhando os guardas desprevenidos”.

Os guardas da PSP recordam que o alarme tocou nessa noite. Mas ninguém se levantou. “Há um camarada nosso que acorda e grita: ‘Eh, pá, ninguém se levanta’,” recorda o guarda Alfredo Carvalho. A história é igual à da fábula. As chefias da companhia tinham o hábito frequente de ligar o alarme a altas horas da noite. Umhas vezes para avaliar a capacidade de reação dos homens. Outras, por simples brincadeira. Nessa noite, ninguém acreditou. “A maioria de nós só se levantou quando ouvii tiros e uma enorme gritaria”, diz Carvalho. Mairoral indigna-se com a tragédia que “uma brincadeira irresponsável podia ter causado”.



HERÓI MANUEL BORREGO MAIORAL, ACORDOU COM O ATAQUE NA 4ª ESQUADRA. VIU O SUBCHefe NEVES RODADO POR OITO REVOLTOSOS A LEVAR CATANADAS. FOI BUSCAR A PISTOLA E DESPELOU O CARREGADOR

**Virgem e sangue de pombo** Sertório Catarino, de sentinela interna na Casa de Reclusão, lembra que os negros “gritavam UPA, UPA, UPA, mata, mata, mata, a bala do branco é ovava (água em kimbundu)”. O guarda Manuel Guimarães, na 4ª esquadra, também ouviu os mesmos gritos dos revoltosos.

A UPA era a União dos Povos de Angola, mais tarde FNLA, liderada por Holden Roberto. Vários historiadores referem a responsabilidade da organização no 4 de fevereiro, na sua primeira ação antes do massacre de centenas de colonos portugueses em 15 de março de 1961. Carlos Pacheco escreve que os revoltosos “militavam todos na UPA”. Dalila e Álvaro Mateus admitem que houve envolvimento de vários militantes. No entanto, o MPLA foi o primeiro a reivindicar os ataques a partir da Guiné-Conacri. José Freire Antunes recorda que “a indevida apropriação foi uma ideia de Mário de Andrade”, tendo como objetivo a sobreposição do MPLA à UPA.

Os revoltosos foram convencidos por feiticeiros que as armas dos brancos deitavam água. Também foram sujeitos a rituais. A 1 de fevereiro de 1961 os chefes de cada grupo mataram dois pombos, misturaram o sangue dos animais em água, juntaram areia do cemitério e deram a beber uma colher desse líquido aos presentes. Os revoltosos tinham consigo uma “rainha” (rapariga virgem) para abençoar a operação. A revolta da Baixa do Cassange, um mês antes, terá influenciado estas práticas. Em dezembro de 1960, dois sacerdotes congolezes, com ligações à UPA, infiltraram-se no Cassange e diziam ao seu rebanho para não temerem as retaliações dos colonos porque as armas dos brancos apenas deitavam água.

Estas crenças dos insurrectos prejudicaram a sua ação. Quando veem os seus camaradas morrer — houve cerca de 40 vítimas — a maioria foge. Hoje, 50 anos passados, há ainda 20 sobreviventes do 4 de fevereiro. No ano passado, o MPLA prestou-lhes homenagem e deu cerca de 7 mil euros a cada um (menorizando o papel histórico da FNLA). A “rainha” do 4 de fevereiro, Engrácia Francisco Cabeia, também esteve presente. O dia é feriado em Angola, assinalando o Esforço Armado. O aeroporto internacional de Luanda tem o nome “4 de Fevereiro”. No entanto, os sobreviventes queixam-se de não lhes darem mais atenção. Em Portugal, os guardas da PSP também lamentam que o papel da PSP no 4 de fevereiro — e durante toda a guerra colonial — nunca tenha sido reconhecido. Hoje nem sequer têm os mesmos direitos conferidos aos militares veteranos de guerra.

**ECOS POR CÁ** O VESPERTINO “DIÁRIO DE LISBOA” DE 4 DE FEVEREIRO DE 1961, QUE SAÍA AO PRINCÍPIO DA TARDE, JÁ TEM A NOTÍCIA DOS ACONTECIMENTOS DE LUANDA EM PRIMEIRA PÁGINA. A MANCHETE É, NO ENTANTO, DEDICADA À ENTREGA DO PAQUETE “SANTA MARIA”



**Destinos cruzados.** Na aldeia de Santiago de Subarrifana, os mais velhos ainda se lembram do regresso de Cândido Sales à aldeia, em maio de 1961. Muitos foram cumprimentá-lo a casa. Um ano depois foi condecorado em Tomar, numa cerimónia que assinalou o envio de mais duas companhias móveis da PSP para Angola, decidido pelo ministro do Ultramar, Adriano Moreira.

Hoje, na igreja da Aldeia da Mata, a bandeira de São Francisco Xavier que Manuel trouxe da Índia foi transformada em pendão. Sai todos os anos nas procissões de agosto. Toda a aldeia sabe que tem um herói tombado no início da guerra colonial. Há uma rua com o seu nome e, no cemitério onde está enterrado, uma lápide recorda que morreu pela pátria, em Luanda, em 1961. O ano em que o destino de um homem se confunde com o ano de todos os perigos e o destino de um país. O ano 1961 começou com o assalto ao “Santa Maria”, veio o 4 de fevereiro, o massacre do 15 de março, o golpe do general Botelho Moniz. A 17 de dezembro, a União Indiana anexa Goa, Damão e Diu. É o início da queda do império português. Eram os ventos da história a virar. Sem que Portugal, que teve os alísios para chegar longe nos Descobrimentos, se deixasse embalar e ainda tentasse fazer em África os novos “Brasis” de que Marcelo Caetano falou, penosamente, uma década depois. Quando já era tarde. ■